



Mais que os olhos

ANA MIRANDA

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1951. É autora de *Boca do inferno*, *Desmundo*, *Amrik*, *Dias & Dias*, e *Yuxin*, entre outros romances, todos editados pela Companhia das Letras, e do livro de contos, *Noturnos*. Trabalha com a memória literária brasileira. Viveu no Rio de Janeiro, em Brasília e em São Paulo. Mora atualmente numa praia cearense.

Vós, árvores, que tendes a me dizer, tão mudas? Tão solitárias. Falam apenas ao vento seus murmúrios de vegetais, silenciam da solidão, na caatinga, onde vivem umas tão longe das outras, como distante eu estou do mundo, entre os animais como se eu fosse um animal, mas não haveria de ser? Estou num lugar que contém em si todas as coisas criadas para ninguém, e só as conhecem os viajantes que não moram na terra, como eu. Mas mesmo neste deserto as árvores não se esquecem nunca de deitar suas folhas e flores e frutos e alongar suas sombras, basta apenas um pouco de chuva e elas retribuem, compenetradas em seu trabalho. Pobres árvores e suas pobres filhas, tão esquecidas! Ainda assim conservam suas folhas arrumadas como num dia de festa, aquela feito noiva em pureza, outra derrama seus perfumes, adiante uma delas roça suas virtudes a dar cachos aos passarinhos, e são felizes de viverem assim em desertos, porque os homens não vêm lhes cortar o cepo com o ferro das facas, nem lhes rasgar os lícores, nem lhes talhar a veia com machado, nem lhes dar estocadas e feridas ou lhes ferir o



madeiro com hastes de dardos. Elas têm dentro de si doces grãos como figos passados, e unguentos que nos curam, e seus mucunás como olhos que nos vigiam e fecham nossas feridas. Não se riem umas das outras, não murmuram traições, nem desejos, nem falsidades, são minhas amigas, de modo que não estou mais só.

Mas talvez sonhem, e algumas envenenam, e outras têm cheiro ruim, e umas, tão altas, trazem do céu os raios que matam, de modo que para serem inocentes basta, como os animais, conhecê-las, e quem não come as folhas de veneno nenhum mal sofre. E o nome desta formiga? E esta flor? Flor de nhambi. E esta abelha de oco de árvore?

À beira do rio, vou colher água, mas paro, admirada das flores pontudas, com suas unhas a sangrar das folhas, suas cuias vermelhas, umas parentas das outras, a irmã, a mãe, a avó, derramam filtros para que alguém me ame a alma e o corpo, meu filho, minha filha, paro a cada florinha amarela e quase sem nenhum cheiro, só o cheiro agreste que não quer me cativar, paro nas brancas, nas roxas. Uma flor com rosto de fava, uma feito árvore pequena com frutas que requeimam a boca, travando o gosto, um capulho fechado com folhas grossas e duras, e umas flores que nascem ao pé das árvores e trepam por elas acima, umas cordas delgadas e fios mui lindos, touças juntas de folhas gordas e com flores que chamam à dor dos espinhos, umas pegadas nas outras, são tantas, que nunca vi nas matas.

Ao lado, a pouca água sem correr, presa pelo rio, cortada pelo Sol, se despedindo, lembrada ainda da verde-noite, e acolá uns pássaros pequenos, de cor finíssima, fazem sua merenda na lama, formando buraquinhos acompanhados, um atrás do outro, atrás do outro, atrás do outro. Ponho o meu passarinho num galho para caçar ele mesmo as suas frutas, tão cheio de graça. Quando lhe cai o Sol nas penas, fica resplandecente, com seus pés amarelos, o bico e os olhos vermelhos, de grande estima, e raro.

O que tenho eu a te dizer? De tuas penas, quando morreres, farei um diadema para meus cabelos, tu és meu bichinho de quem tanto gosto. As sararás voam leves, remoinhos de sararás amarelas, não há vento que valha por elas, e um tipo de unaúnas com pernas brilhantes e os chifres virados um para o

outro, e setas que ardem, bichos novos há muitos, aqui, aprendo quem são eles olhando os seus gostos e as suas figuras, alegre me divirto, guardo-me de dizer isso à toa, de mentira, já ficará assim? Já o deixarei estar? Sou eu, ou sou tu? Esta ave, se não fosse azul, seria eu. Ainda nem acabei de começar a olhar, finges que não me vêes? Eu vou te engordar e te comer, hehe. Tenho sede. Encho de água barrenta a coité e bebo, mas me refresca do Sol, como um seu contrário. Lavo o rosto e as mãos, arrumo os cabelos com o pente, e ele não esperava mais, eu o engano, pego com minha cestinha o peixe de cor, gateado, cercando seu povo contra o raso, ele bate a barriga no fundo da cesta, briga para voltar à sua casa nas águas, quer a mãe, eu lhe digo que vou comer sua carne branca, Tua carne branquinha, peixe fugitivo, tu és meu prisioneiro, quem te sujou a cara? Não te enfadas de me enfadar? O mundo das plantas e dos bichos tem tantas coisas pequeninas, escondidas de nós... É preciso ter mais do que olhos, para ver. Mais que olhos, o quê?

(Fontes: Textos de padre Vieira e Gabriel Soares de Sousa)